

RESENHAS

EDWARD W. SAID: UM INTELLECTUAL QUE DESCONFIAVA DOS “DEUSES”

Arthur Pinto Filho*

SAID, Edward W. *Representações do intelectual*. Trad. de Milton Hatoum. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.

Representações do intelectual, livro de Edward W. Said, recentemente falecido, editado pela Companhia das Letras, em tradução de Milton Hatoum, reúne seis conferências transmitidas por programa radiofônico da BBC de Londres, em 1993.

As conferências Reith tiveram início em 1948 e dão voz a intelectuais de diversas áreas do conhecimento (já participaram do programa, por exemplo, Toynbee, Oppenheimer, Galbraith). Durante seis programas semanais, de trinta minutos cada qual deles, ao vivo, o entrevistado tem toda a condição de aprofundar a sua visão sobre determinado tema.

Todos os anos, um conferencista de determinado setor do conhecimento é convidado a apresentar estudo ou pesquisa original aos ouvintes da BBC. Lord Reith, o fundador da BBC, dá nome ao programa.

A primeira das conferências foi proferida por Bertrand Russel, que discutiu o seguinte tema: “a autoridade e o indivíduo”, no qual debatia a forma de combinar “o grau de iniciativa individual, necessária para o progresso, com o grau de coesão social que é necessário para a sobrevivência”. Não há qualquer programa de rádio (ou televisão) brasileiro que lembre, ainda que de longe, a profundidade e a excelência das conferências Reith.

Said foi convidado para discutir o papel do intelectual na nossa sociedade. Certo que, ele mesmo conta, várias vezes se levantaram contra o convite, muitas delas acusando-o de ser um “antiocidental”, que culpava o Ocidente por todos os males do mundo. Mesmo diante das resistências, as suas conferências foram mantidas. E foram proféticas.

Said logo percebeu que seus interlocutores eram, de alguma maneira, diversos dos seus habituais leitores. E adaptou a sua forma de escrever e falar para um novo público, num novo meio de comunicação. Ele escreveu as suas conferências. Contudo, o fez de forma bastante diversa daquela utilizada em seus livros anteriores.

Em sua forma comum de escrever, Said utiliza-se de frases longas, trabalhadas, sofisticadas. As conferências, porém, foram escritas para serem faladas. As frases têm, assim, um outro ritmo, levaram em conta a melodia do rádio, o tempo do rádio, o cuidado com um outro meio de comunicação e com um outro receptor de seus dizeres.

Essa musicalidade tem relação, por certo, com um faceta pouco divulgada de Said, que era um músico talentoso, pianista de escol. O maestro judeu Daniel Barenboim, diretor da Orquestra Sinfônica de Chicago, e fundador, com Said, da Orquestra East Western Divan, afirma que o autor de *Orientalismo* formulava muitas de suas teses por meio da música. Cita o exemplo da antiespecialização, aliás, tema tratado por Said em suas conferências. Afirma que Said criticava fortemente a educação musical norte-americana e européia, especializada ao extremo, empobrecedora e estreita.

As conferências cuidaram das relações do intelectual com a sociedade, a política, a cultura e os movimentos sociais. Sempre sob o ponto de vista de um intelectual palestino nascido em Jerusalém em 1935, e que viveu no Cairo até 1947, ocasião em que, por meio de resolução da ONU, a cidade foi dividida em áreas judaicas e palestinas. Em 1951, emigrou para os Estados Unidos, lecionando literatura comparada na Universidade de Colúmbia, Nova York, desde a década de 60.

O papel do intelectual

Said discute, em sua primeira conferência, o papel do intelectual nos dias atuais. Inicia com duas concepções opostas acerca do intelectual: a de Gramsci e a de Julien Benda. Gramsci criou o conceito do intelectual orgânico, ligado a classes ou empresas, que o usavam para organizar interesses, conquistar mais poder. Said exemplifica, atualizando o conceito, com o publicitário, que inventa técnicas para obter maior fatia de mercado para um determinado produto. Os partidos políticos e as classes sociais também, na concepção gramsciana, gerarão seus intelectuais orgânicos.

Para Benda, os intelectuais seriam compostos por um reduzido grupo de pessoas, superdotados e com grande sentido moral, que se constituiriam em uma consciência da humanidade, como Jesus, Sócrates, Voltaire, Espinosa e poucos outros.

Said parte do princípio que, atualmente, “todos que trabalham em qualquer área relacionada com a produção ou divulgação de conhecimento são intelectuais”, no sentido cunhado por Gramsci.

Mas acrescenta que o intelectual é uma pessoa que representa, articula uma mensagem, um ponto de vista, uma atitude, filosofia e uma opinião para o público. Seu papel é de alguém que levanta publicamente questões embaraçosas, confronta ortodoxias e dogmas, que não pode ser facilmente cooptado por governos e corporações, que represente todas as pessoas e todos os problemas que são jogados para debaixo do tapete. Não pode ser um pacificador, nem um criador de consensos, mas alguém que empenha todo o seu ser no senso crítico, na recusa em aceitar fórmulas fáceis ou clichês prontos ou confirmações afáveis, sempre tão conciliadoras sobre o que os poderosos têm a dizer e sobre o que fazem.

Para Said, em toda a obra há sempre a inflexão pessoal, a subjetividade e a sensibilidade do autor, que dão sentido ao que está sendo dito ou escrito. Por conta dessa reflexão, uma de suas conferências fala justamente de suas experiências como um intelectual do exílio.

Confessa que o exílio é um dos destinos mais tristes do ser humano. O exilado vive num estado intermediário, nem de todo integrado ao novo lugar, nem totalmente liberado do antigo. Cita alguns exemplos de povos que sofreram gravemente, e em massa, a questão do exílio: os armênios, os muçulmanos indianos que foram para o Paquistão após a partição de 1947 e os palestinos, que foram dispersos em grande escala durante a criação do Estado de Israel.

Afirma que, por vezes, o exilado se adapta de forma surpreendente, como o alemão Henry Kissinger e o polonês Zbigniew Brzezinski. Mas é certo que as adaptações, oportunistas ou não, são sempre em menor número que as inaptações. Como regra geral, o exílio, para o intelectual, representa o desassossego, o movimento, a condição de estar sempre irrequieto e causar inquietação nos outros. Evidente que, alerta o autor, não se trata de tentar ser uma Cassandra em tempo integral, que não só era desagradável, como sequer era ouvida. As alternativas para o intelectual não são a aquiescência total ou a rebeldia total. Mas a crítica aos senhores do poder.

Said cita o trabalho de Russel Jacoby, *Os últimos intelectuais*, escrito no final da administração Reagan, com os ventos da globalização iniciando o seu caminhar, no qual defendia a idéia de que “o intelectual não acadêmico” tinha desaparecido, não deixando ninguém no seu lugar, exceto um punhado de professores universitários tímidos, dominados por um jargão peculiar, nos quais ninguém na sociedade prestava muita atenção. Como intelectuais não acadêmicos, Jacoby citava gente da estatura de Edmund Wilson, Jane Jacobs e Susan Sontag.

Jacoby apontava que os intelectuais modernos são pessoas sem nenhum interesse em lidar com o mundo fora da sala de aula, escrevendo em prosa esotérica e bizarra, dirigida principalmente para a promoção acadêmica e não para a mudança social.

Said, contudo, lembra que ser um intelectual não tem incompatibilidade com o trabalho acadêmico. Intelectuais acadêmicos – historiadores, por exemplo, remodelaram totalmente o pensamento quanto à escrita da História, como Eric Hobsbawm, E. P. Thompson e Hayden White. O trabalho deles teve grande difusão para além da academia.

Said alerta para um tipo de ameaça que paira sobre os intelectuais: o “profissionalismo”. O intelectual burocrático, que não sai dos limites aceitos, comercializável, incontrolado, apolítico e objetivo.

O autor aponta algumas pressões para que o intelectual se transforme num “profissional”. A primeira é da especialização. Evidente que não se trata de crítica à competência, ao conhecimento. Mas Said critica o conhecedor que perde de vista qualquer coisa fora do seu campo imediato, sacrificando a cultura geral. Outra pressão do “profissionalismo” é a tendência inevitável para agregar-se ao poder e à autoridade entre seus adeptos, para se tornar diretamente empregado por ele.

Para Said, o intelectual deve ser alguém que ele denomina “amador”, que se preocupa com a sociedade, se empenha em levantar questões morais no âmbito de qualquer atividade, por mais técnica e profissionalizada que seja. Deve transformar a rotina profissional da maioria das pessoas em algo muito mais intenso e radical; em vez de fazer o que supostamente tem que ser feito, pode-se perguntar por que se faz isso, quem se beneficia disso. Deve ser a consciência crítica da autoridade. O intelectual não deve ser um empregado comprometido com os objetivos políticos de um governo, de uma grande corporação ou mesmo de uma associação de profissionais que compartilham uma opinião comum. Deve, sim, ser movido por idéias, por causas que são coerentes com os valores e princípios em que acredita. Deve, pois, falar a verdade ao poder.

Nada mais equivocado do que o desvio do intelectual de uma posição difícil e embasada em princípios, que se sabe ser a correta, mas que se decide não tomar. Pelas piores razões: não parecer muito político, controverso, temer perder a reputação de “pessoa equilibrada”, objetiva, moderada. Para um intelectual, afirma Said, esses hábitos de pensamento são corruptores por excelência.

O autor lembra uma situação em que, é certo, bem poderia se desviar do tema, sem o enfrentamento direto que cometeu. Cuida-se da declaração de princípios de Oslo, de 1993. Said afirmava que a declaração, ao invés de ser um avanço para os palestinos, garantiria o

prolongamento do controle israelense sobre os territórios ocupados. Deve-se ressaltar que a crítica, naquele momento, só poderia partir de um intelectual que não se desviasse de seus próprios princípios, posto que a declaração foi, na ocasião, recebida com euforia geral. Qualquer crítica à posição oficial era recebida como uma posição contra a “esperança e a paz”. Aliás, a crítica teve um alto custo para Said, que apresentou sua renúncia no Congresso Nacional Palestino.

Deuses que sempre falham

A última conferência de Said foi efetivamente premonitória, principalmente para alguns brasileiros. Ele conta que conheceu um intelectual iraniano, em 1978, que tinha papel importante na divulgação do nefasto e impopular regime do xá. Esse intelectual acabou se aproximando dos homens relativamente jovens do círculo de poder do imã Khomeini. Após a revolução islâmica do Irã, ele foi nomeado embaixador do Irã em país importante, defendendo o regime sempre que chamado a falar sobre o Irã. Said teve a impressão de que se tratava de um homem decente que se comprometera com a nova ordem no exterior.

Depois de algum tempo, o intelectual iraniano voltou a seu país, agora como conselheiro especial do presidente Bani-Sadr. Contudo, logo depois, o imã Khomeini derrubou o presidente Bani-Sadr, que foi para o exílio, junto com o referido intelectual. Este, então, passou a atacar o imã de forma feroz, nas mesmas tribunas de Londres e Nova York, onde antes o havia defendido, mas sem perder o senso crítico quanto ao papel desempenhado pelo governo norte-americano, criticando o imperialismo dos Estados Unidos. Porém, em 1991, o tal intelectual, ao cuidar do tema da guerra do Golfo, já defendia os norte-americanos na guerra do Iraque.

Não seria coincidência a história da peregrinação do amigo iraniano para dentro e depois para fora da teocracia islâmica seja a história de uma conversão quase religiosa, seguida do que parece ser uma reversão muito dramática na crença e uma contraconversão. Seria a facilidade com que o amigo acreditava em deuses. Primeiro, o seu deus era o imã. Depois, o presidente Bani-Sadr. Logo depois, o imã era a encarnação do mal. Por fim, o novo deus tinha forma representativa de estátua da liberdade. Mas, este o fato ressaltado, era alguém que não podia viver sem deuses.

Said afirma que a vitória da revolução iraniana foi, desde a derrota árabe de 1967, o primeiro grande golpe na hegemonia norte-americana na região. Tanto Said como seu amigo iraniano viram a revolução iraniana como uma vitória. Contudo, Said fala que nunca se deixou envolver pela figura de Khomeini, mesmo antes de ter revelado sua personalidade tirânica e intransigente. Não sendo por natureza membro de grupos ou de um partido,

nunca me filiei formalmente a servir a algum deles. Por certo, diz Said, já tinha me acostumado a ser periférico, a estar fora do círculo do poder, a ser um “outsider”. A veneração a heróis, e até a própria noção de heroísmo, quando aplicada à maioria dos líderes políticos, sempre me deixaram indiferente.

Afirma que foi, por 14 anos, membro independente do Parlamento palestino no exílio, o Conselho Nacional Palestino, cujo número total de encontros somou mais ou menos uma semana. Afirma que permanecer, contudo, no Conselho, foi um ato de solidariedade e de desafio. Porque percebia a importância simbólica de sua presença no Conselho Palestino, embora nunca tenha aceitado ofertas para ocupar posições oficiais ou se organizar em partido ou facção. Tanto que rompeu com as políticas oficiais palestinas durante o terceiro ano de intifada.

Quando se serve a um Deus sem qualquer visão crítica, todos os demônios vão estar sempre do outro lado.

O intelectual tem de circular, tem de encontrar espaço para enfrentar e retrucar a autoridade e o poder, pois a subserviência inquestionável à autoridade no mundo de hoje é uma das maiores ameaças a uma vida intelectual ativa, baseada em princípios de justiça e equidade.

Said era um otimista. Tentou viver o mais próximo possível de suas teorizações. Basta lembrar que, em 3 de julho de 2000, com 64 anos de idade, já combalido pela doença, foi fotografado atirando pedras, no sul do Líbano, em soldados israelenses que deixavam o país.

Uma das filhas de Said, Najla, declarou que “em seus últimos dias meu pai chorou abertamente pela Palestina e por sua perda de clareza e energia para escrever, escrever, escrever. Desde a sua cama me animava: ‘Continua a luta, continua... supera tuas pequenas diferenças com teus colegas e escreve e atua e continua. Continua sem parar. Está nas tuas mãos’”. Nas nossas mãos?

Recebido em março/2005; aprovado em maio/2005

Notas

* Promotor de Justiça em São Paulo, mestrando do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP.